

RESILIÊNCIA:

Instrumentos de avaliação no contexto brasileiro

Carina Estela Kreuz Knorst

Monografia apresentada como exigência parcial do Curso de Especialização em
Psicologia – Ênfase em Avaliação Psicológica– sob orientação do
Prof. Ms. Wagner de Lara Machado

Universidade Federal do Rio Grande do Sul

Instituto de Psicologia

SUMÁRIO

	Pág.
Resumo	3
Capítulo I	
Introdução	4
1.1 A resiliência e os diversos fatores implicados nesse conceito	5
1.2 Risco e proteção: características	7
Capítulo II	
Método	10
Capítulo III	
Resultados	11
Discussão	13
Capítulo IV	
Conclusão	20
Referências	22
Anexos	
Anexo 1	29

RESUMO

Situações de dificuldade são enfrentadas diariamente, através de perdas, acidentes, separações, entre outros. O indivíduo com dificuldades de adaptar-se a elas e manejá-las pode ser afetado de maneira negativa nas dimensões física, emocional e social, em maior ou menor intensidade. As situações estressantes são consideradas fatores de risco e as habilidades pessoais e vínculos apoiadores que auxiliam na superação dessas dificuldades são considerados fatores de proteção (auto-estima, apoio familiar, rede social apoiadora). A resposta positiva ou adaptada a eventos negativos/estressores é considerada um processo chamado resiliência, que possibilita ao indivíduo desenvolver-se normalmente mesmo enfrentando muitas dificuldades, ou dificuldades consideradas de grave impacto. Inúmeros estudos têm sido conduzidos para auxiliar no entendimento da resiliência e seu impacto sobre o indivíduo. Para auxiliar este entendimento, alguns testes estão sendo desenvolvidos, enquanto outros, que não são específicos para resiliência (mas possuem características ligadas a ela), são utilizados na prática profissional. Contudo, no Brasil, ainda há uma carência de instrumentos aprovados pelos órgãos reguladores que avaliem diretamente o construto. Dessa forma, esse estudo propõe uma revisão dos instrumentos (listados pelo Conselho Federal de Psicologia) para identificar alguns que possam, através de suas características avaliadas, instrumentalizar o psicólogo brasileiro na sua prática, frente a questões relacionadas à resiliência.

Palavras-chave: resiliência, fatores de risco, fatores de proteção, avaliação.

INTRODUÇÃO

Vários são os fatores causadores de sofrimento psíquico, entre eles, podemos considerar características de personalidade, história familiar, trajetória pessoal. Estes aspectos são enfrentados diariamente, na forma de perdas de pessoas queridas, separações, enfrentamento de situações em que se é vítima de algum tipo de violência, acúmulo de funções, como trabalhar, cuidar da família, da casa, estudar, entre outros. O resultado dessas situações estressantes pode refletir na vida, afetando as dimensões física, emocional e social, em maior ou menor intensidade e exige do indivíduo uma capacidade muito grande de adaptação e assimilação de tarefas em termos cognitivos e comportamentais (Pereira, 2001). Essa capacidade depende de características individuais como auto-estima, apoio positivo das pessoas próximas, capacidade de enfrentar e resolver problemas (Garmezy & Masten, 1994). O enfrentamento (Rutter, 1999), auxiliará o desenvolvimento pessoal mais saudável (Alvarez, Moraes, & Rabinovich, 1998). De modo geral, essas situações popularmente consideradas problemas são conceitualizadas como fatores de risco, já as diversas formas de apoio intrínsecas e extrínsecas ao indivíduo (Garmezy e Masten, 1994), que auxiliam na superação dessas dificuldades, são exemplos de fatores de proteção (Ralha-Simões, 2001).

Resiliência é um termo utilizado desde o início do século XIX, relacionado à Física e Engenharia. Os estudiosos destas áreas o utilizavam para designar a capacidade de um material sofrer uma ação externa de energia (calor, tensão, compressão, umidade) podendo chegar a apresentar alguma deformação. Contudo, o material resiliente, ainda que se deformasse, após a retirada do agente externo, retornava ao seu estado de apresentação anterior à ação, sem demonstrar nenhuma alteração, pois, seu potencial máximo de resiliência não havia sido ultrapassado. Portanto, a resiliência do material estava relacionada a um potencial de elasticidade, plasticidade possível de cada material. A partir dessa conceituação inicial, é possível entender melhor a origem do termo resiliência, no Brasil, que tem sido utilizado nas áreas humanas e sociais, de acordo com a maioria dos teóricos locais e tem sua origem nessas áreas da ciência exata (Poletto & Koller, 2008; Silva, 1972; Timoshebo, 1983; Yunes, 2001; Yunes, 2003; Yunes & Szymanski, 2001; Yunes & Szymanski, 2005).

A possibilidade de desenvolver-se normalmente mesmo enfrentando muitas dificuldades, ou dificuldades consideradas de grave impacto, é o conceito básico de resiliência para autores como (Fonagy, 1994; Rutter, 1987; Pinheiro, 2004; Yunes, 2001; Yunes, 2003). É uma forma de adaptação e manejo de situações adversas (Ralha-Simões, 2001). Dessa forma, os indivíduos, apesar de serem afetados por situações estressantes que o abalam emocionalmente, podem superá-las, mantendo-se sadios e utilizando, para tanto, as mais diversas respostas biológicas e psicológicas (Flach, 1991; Garmezy, 1993; Rutter, 1999). Observa-se que no processo de resiliência, o indivíduo não retorna ao seu estado anterior, pois cada pequeno evento de nosso cotidiano produz algum tipo de mudança, permitindo nosso desenvolvimento e amadurecimento psíquico, social e cognitivo (Grünspun, 2003; Paula Couto, Poletto, Paludo & Koller, 2006), o que necessariamente não termina numa eliminação do problema, mas em uma ressignificação do mesmo (Junqueira & Deslandes, 2003).

Assim, este estudo prevê uma breve retomada do conceito e caracterização de resiliência. Para auxiliar nesse entendimento, questões como vulnerabilidade, fatores de risco e proteção também serão comentados. Então, alguns instrumentos de avaliação psicológica relacionados à resiliência ou que avaliem construtos relacionados a esse processo e o impacto destas situações na vida das pessoas serão identificados, uma vez que no Brasil não há instrumentos aprovados para uso clínico (Trombeta & Guzzo, 2002), apenas para pesquisas. O objetivo principal é identificar meios de verificar fenômenos relacionados à resiliência e a forma como ela se manifesta, através desses instrumentos. Dessa forma será possível auxiliar os profissionais, em seus mais diversos campos de atuação que necessitam trabalhar a compreensão, a prevenção e até desenvolver habilidades possíveis ao enfrentamento de eventos negativos de acordo com o funcionamento de cada indivíduo e o momento de vida de cada um.

1.1 A resiliência e os diversos fatores implicados nesse conceito

As pesquisas na área de resiliência iniciaram a partir da década de 70, sendo o termo invulnerabilidade bastante utilizado nesses estudos (Brandão, Mahfoud e Gianordoli-Nascimento, 2011; Rutter, 1993). A resiliência era considerada uma resposta positiva ou adaptada a eventos negativos/estressores e vulnerabilidade, ao contrário, determinava o modo como uma pessoa, diante de um evento considerado estressor, se

deixava afetar por ele, podendo desencadear complicações no desenvolvimento físico e psíquico. Subentendia-se que uma pessoa era, então, resiliente ou vulnerável a eles (Grünspun, 2003). Já os eventos eram considerados fatores de risco ou de proteção, e as situações de vida eram classificadas de acordo com esta avaliação, independente da forma como cada pessoa reagisse individualmente aos eventos. Esses estudos prosseguiram nas décadas subseqüentes, ainda conceitualizando resiliência como um traço de personalidade, um fator de invencibilidade exclusivo de quem nascia com ele, delimitando quem a tinha e quem não a tinha (Grünspun, 2003; Yunes, 2003).

Após esse período, os estudos passaram a incluir fatores genéticos e ambientais na investigação da resiliência. Esse entendimento estava muito mais próximo a uma dinâmica comportamental do que uma atuação fixa diante dos problemas, ao longo da vida (Luthar, Cicchetti & Becker, 2000).

Atualmente, a resiliência é considerada um processo que permite encarar adversidades, através da interação de aspectos sociais e intrapsíquicos (características e capacidades de cada indivíduo), com o seu ambiente (Alvarez, Moraes, & Rabinovich, 1998; Cecconello, 2003; Junqueira & Deslandes, 2003; Luthar, Cicchetti & Becker, 2000; Seligman & Csikszentmihalyi, 2000; Yunes, 2003; Yunes & Szymanski, 2001). Considera-se, também, uma reação psíquica a eventos estressores, evitando, assim, psicopatologias, doenças físicas, dificuldades sociais, entre outros. Ela é uma habilidade que permite superar crises e adversidades (Yunes & Szymanski, 2001; Yunes, 2001; Tavares, 2001), prevenindo-as e, também, minimizando-as (Grotberg, 1995), mas isso não significa neutralizá-las ou impedir de ser atingido por dificuldades (Zimmerman & Arunkumar, 1994).

De acordo com alguns pesquisadores, (Grotberg, 1995; Masten, 2001), todas as pessoas são resilientes, porém, nem todas conseguem acessar esse processo, o que deve ser cuidadosamente observado na utilização desse termo, uma vez que ele pode sofrer mudanças conforme as condições do indivíduo e do ambiente e ao longo do tempo (Bastos, Alcântara & Ferreira-Santos, 2002; Koller & De Antoni, 2004; Rutter, 1987; Yunes, 2001). Além disso, os processos resilientes ainda dependem da visão subjetiva de um indivíduo sobre determinada situação (Yunes, 2003) e de sua relação com o ambiente em que está inserido (Bronfenbrenner, 1996). Portanto, as formas de respostas aos eventos, consideradas resilientes, possuem características gerais, mas cada pessoa

poderá contar com maior ou menor quantidade delas e intensidade das mesmas (Martineau, 1999).

Importante, é considerar que cada evento de vida deve se apresenta de forma singular, pois cada indivíduo possui um repertório psíquico, um histórico de relação com eventos de proteção e risco próprio, e uma rede de relações sociais e com seu ambiente podendo variar o grau de resistência de acordo com as circunstâncias (Rutter, 1993). A partir disso, muitos pesquisadores têm considerado a importância da interpretação dada pelo indivíduo acerca das adversidades, como mais significativa que os fatores de risco (Brofenbrenner, 1996; Trombeta & Guzzo, 2002; Yunes, 2001; Yunes & Szymanski, 2001).

A interação dos fatores genéticos e ambientais permite essa capacidade para superar as adversidades ainda que a mesma não seja estável (Rutter, 1999), ou seja, há momentos em que os indivíduos se depararão com problemas, mas serão afetados de uma forma mais drástica por eles, tendo dificuldade de ajustar-se às demandas necessárias para essa superação. De modo geral, podemos retomar as colocações de Yunes e Szymanski (2001) que afirmam que:

a definição não é clara, tampouco precisa, como na física, mas considera que os fatores e as variáveis que devem ser levados em conta no estudo dos fenômenos humanos, complexos e múltiplos: corresponderia à relação situação de risco/estresse/experiências adversas com respostas finais de adaptação/ajustamento no indivíduo, o que ainda nos parece bastante problemático (Yunes & Szymanski, 2001, p.16).

1.2 Risco e proteção: características

Os fatores referentes a risco e proteção estão claramente ligados ao entendimento do conceito de resiliência e sua relação deve ser estudada com prioridade (Rutter, 1987). Saber como utilizar os fatores protetivos diante das dificuldades (Grünspun, 2003) possibilita reduzir o impacto dos riscos, e incrementar a adaptação e a saúde emocional (Masten, 2001; Rutter, 1987). De acordo com pesquisas realizadas principalmente com crianças e adolescentes (Antoni & Koller; 2000; Brooks, 1994; Cyrulnik, 1998; Flach, 1991; Fonagy, 2001; Garmezy & Masten, 1994; Grünspun, 2003, Masten & Garmezy, 1985; Whitbourne, 2001), os principais fatores protetivos que facilitam o processo de resiliência são:

1. **Pessoais:** sociabilidade, temperamento fácil, auto-estima elevada, autonomia, autocontrole, autoconfiança, forte senso de identidade, flexibilidade, persistente, sensibilidade, criatividade, inteligência, estratégias de coping (enfrentamento de problemas), busca auxílio se necessário, atenção, se comunica bem, demonstra suas emoções, possui bom humor mesmo em dificuldades, tolerância ao sofrimento, otimismo, fé, confiança no futuro, metas realistas, vê o futuro com oportunidades e sucesso;
2. **Familiares:** conexões com redes familiares ampliadas, comunicativas, competentes e apoiadoras e no contexto extrafamiliar;
3. **Ambientais:** grupos que apresentem empatia, reconhecimento e aceitação, através de limites definidos e realistas, tolerância a conflitos, estruturas coerentes e flexíveis, respeito, reconhecimento, garantia de privacidade, tolerância às mudanças, limites de comportamento definidos e realistas, comunicação aberta, tolerância aos conflitos, busca de reconciliação, sentido de comunidade.

Pesquisas indicam que os fatores de proteção podem ser atenuantes diante de situações de risco (Eisenstein & Souza, 1993), logo, no sentimento de vulnerabilidade experimentado por alguns indivíduos diante de problemas graves ou uma seqüência maior deles.

A vulnerabilidade, de forma diferente da resiliência, seria uma predisposição a potencializar os efeitos de um evento de risco (estressor) (Garmezy & Masten, 1994), através de respostas mal-adaptadas, deixando o indivíduo suscetível a conseqüências negativas para o desenvolvimento psicológico (Zimmerman & Arunkumar, 1994) de comportamentos não eficazes e psicopatologias (Antoni & Koller, 2000; Hutz, C. S., Koller, S. H., & Bandeira, 1996; Luthar, 1991). Levando em conta essa última colocação, algumas características de fatores considerados de risco são (Antoni & Koller, 2000; Eisenstein & Souza, 1993; Haggerty, Sherrod, Gamezy, & Rutter, 2000; Masten & Coastworth, 1995):

1. **Pessoais:** prematuridade, desnutrição, baixo peso, lesões cerebrais, atraso no desenvolvimento, transição da infância para a adolescência, gestação precoce, dificuldade de acesso à saúde e educação, evasão escolar, desordens anti-sociais, ser vítima de violências, hiperatividade, problemas de aprendizagem, déficit de

atenção, isolamento, culpa, falta de responsabilidade, uso de drogas, síndrome pós-trauma, depressão, ansiedade;

2. Familiares: família desestruturada e/ou desorganizada, negligência, minoria social, desemprego, ou ainda crianças que tenham pais com desordens afetivas, ausência dos pais, violência doméstica;
3. Ambientais: violência na comunidade e a ausência das redes de apoio.

Os fatores de risco e proteção é que farão essas respostas aos eventos variarem a cada momento da vida. Pois, conforme a estrutura psicossocial de cada um, fatores que nesse momento são considerados de risco, mais adiante poderão ser considerados de proteção e vice-versa (Rutter, 1999). Importante seria encontrar um equilíbrio entre os mesmos, visto que todos se deparam com algumas destas questões ao longo da vida (Trombeta & Guzzo, 2002; Yunes & Szymanski, 2001). Também seria importante cada indivíduo sentir-se instrumentalizado para lidar com os eventos estressores, podendo, assim, minimizar o impacto destes sobre sua vida. Mas para auxiliar as pessoas a identificarem e desenvolverem habilidades protetivas, é imprescindível conseguir identificá-las.

MÉTODO

O presente estudo trata-se de uma revisão bibliográfica dos instrumentos para a avaliação da resiliência e processos correlatos. Foi realizada uma busca na base de dados BVS-PSI, com os termos “resiliência”, “avaliação”, “instrumento”, “escala”, “inventário”, e “teste”. Posteriormente foi feita uma consulta a lista dos instrumentos com parecer favorável para uso profissional, de acordo com o Sistema de Avaliação dos Testes Psicológicos (SATEPSI), do Conselho Federal de Psicologia (CFP). As buscas foram realizadas no período de setembro de 2011 a fevereiro de 2012.

Nestas buscas, foi recuperado um total de 50 instrumentos. Entre eles, foram priorizados os que estavam em áreas de atuação como personalidade, habilidades sociais, relações familiares, psicopatologias e estresse. Assim, foram avaliados 29 instrumentos.

RESULTADOS

A pesquisa de artigos científicos em revistas e sites específicos, como BVS-PSI permitiram três artigos referindo instrumentos de avaliação de resiliência. Destes, apenas dois foram utilizados com base na utilidade do conteúdo para o estudo. Há dois instrumentos validados para uso no Brasil. Contudo, deve-se lembrar que esta validação é para uso em pesquisas. Estes testes não foram liberados pelo Conselho Federal de Psicologia para serem usados no trabalho do psicólogo.

Primeiramente, encontramos a “Escala de Resiliência de Wagnild & Young” (Wagnild, 1993) que mede os níveis de adaptação psicossocial positiva em face de eventos de vida importantes. Nesta escala original, foram encontrados cinco fatores para resiliência: serenidade, perseverança, autoconfiança, sentido de vida e auto-suficiência (Wagnild, 1993). Os autores também encontraram elevada correlação da resiliência com constructos como satisfação na vida, saúde física e baixo nível de depressão.

No estudo de validação e confiabilidade feito no Brasil, esta escala foi correlacionada com alguns construtos que na literatura caracterizam fatores de risco e proteção capazes de afetar a resiliência - supervisão familiar, auto-estima, satisfação de vida, apoio social e violência psicológica – através de uso de escalas que também são liberadas apenas para pesquisas. Os resultados mostraram boa correlação (Pesce, Assis, Avanci, Santos, Malaquias & Carvalhaes, 2005). No estudo brasileiro, divergindo dos resultados do original, as análises estatísticas encontraram apenas dois fatores interpretáveis (Pesce, Assis et al, 2005). O primeiro fator denominado “competência pessoal” inclui as características autoconfiança, independência, determinação, invencibilidade, controle, desenvoltura e perseverança. Já o segundo fator, “aceitação de si mesmo e da vida”, foi caracterizado por adaptabilidade, equilíbrio, flexibilidade e perspectiva de vida equilibrada.

O segundo instrumento encontrado foi a Escala de Resiliência de Connor-Davidson - Cd-Risc-10 (Lopes & Martins, 2011). A versão original desta escala possuía 25 itens, divididos em cinco fatores (competência pessoal, confiança nos próprios instintos e tolerância à adversidade, aceitação positiva da mudança, controle e espiritualidade). Posteriormente, Campbell-Sills e Stein (2007) desenvolveram o Cd-Risc-10, que possui 10 itens e um único fator chamado resiliência. Por ser mais condensada ela facilita a aplicação, mantendo-se tão válida quanto a primeira que

contava com 25 itens. Apesar de um único fator, ela é capaz de avaliar, com seus 10 itens a capacidade de adaptação à mudança, de superar obstáculos, de se recuperarem após doenças, lesões ou outras dificuldades, entre outros (Campbell-Sills & Stein, 2007). Os resultados do estudo no Brasil consideraram a Cd-Risc-10 uma ferramenta confiável e válida para pesquisas (Lopes & Martins, 2011).

Dessa forma percebemos que a utilização de ferramentas de auxílio na avaliação da resiliência é uma possibilidade. Os testes validados pelo CFP e com sua autorização de uso profissional expressa pelo site do próprio Conselho são encontrados no SATEPSI. Uma busca mais apurada permite identificar a Escalas de Personalidade de Comrey – CPS, Bateria Fatorial de Personalidade (BFP), Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil EAC-IJ, Escala de Autenticidade, Agressividade e Inibição - EdAAI, Escala Fatorial de Socialização – EFS, Escala de Traços de Personalidade para Crianças – ETPC, The House-Tree-Person – HTP, Inventário dos Cinco Fatores de Personalidade Revisado - ICFP-R, Inventário Fatorial de Personalidade – IFP, Teste Palográfico na Avaliação da Personalidade, Questionário de Avaliação Tipológica - versão II – QUATI, Rorschach, Teste de Zulliger, Escalas Beck, Escala Fatorial Ajustamento Emocional/Neuroticismo-EFN, Escala de Stress para Adolescentes – ESA, Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp – ISSL, Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho – EVENT, Escala de Stress Infantil – ESI, Inventário de Estilos Parentais – IEP, Inventário de Percepção de Suporte Familiar – IPSF, Entrevista Familiar Estruturada – EFE, Escala Fatorial de Extroversão – EFEx, Inventário de Habilidades Sociais – IHS, Inventário de Habilidades Sociais para Adolescentes - IHSA-Del-Prete, Escala Baptista de Depressão (Versão Adulto) – EBADEP, Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço – STAXI, Escala Feminina e Masculina de Autocontrole - EFAC & EMAC, Escala de Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade – TDAH.

DISCUSSÃO

Tendo em vista os conceitos acima revisados, através de pesquisas internacionais e brasileiras, é possível identificar variáveis e fatores que influenciam no enfrentamento e na superação das adversidades. Neste sentido, as características pessoais precisam ser consideradas, como o sexo, o temperamento, os traços de personalidade, histórico pessoal e familiar, aspectos sociais e econômicos, interação com o ambiente (Pinheiro, 2004; Yunes, 2003). Essas informações podem ser obtidas através de instrumentos de avaliação psicológica que auxiliarão nesse processo, como entrevistas, escutas clínicas e testes psicológicos.

Desde a década de 80, vários estudos buscaram formas de avaliar a resiliência, com o objetivo de desenvolver programas de prevenção e intervenção a partir da identificação de fatores de risco e suas variáveis. Já nos anos 90, outros pesquisadores listaram diversas formas de adversidades para determinar o nível de exposição de um indivíduo a elas. Por outro lado, estudos sobre o estresse também foram conduzidos a partir de modelos que indicariam fatores de risco, de proteção, de vulnerabilidade e de resiliência (Haggerty et al., 2000)

As investigações desses construtos, suas variações e intensidades, são de extrema importância para a compreensão dos mesmos, do funcionamento de cada indivíduo e para instrumentalizar de forma mais eficaz o trabalho dos profissionais da Psicologia. Compreender as ações e prever possíveis reações frente a eventos estressores permite criar múltiplas formas de respostas adaptativas (Greenfield & Marks, 2004; Inui, 2003), prevenindo comportamentos desadaptativos e tratando as mais diversas patologias decorrentes de casos de vulnerabilidade.

Apesar de a resiliência ser uma ação/reação individual, cuja percepção da forma como um evento afetou um indivíduo é tão importante quanto à vivência do evento em si (Garmezy, 1996; Luthar & Cushing, 1999; Luthar & Zigler, 1991), a criação de instrumentos de avaliação não permite essa singularidade (Masten, 1999; Munist, Santos, Kotliarenco, Ojeda, Infante & Grotberg, 1998). Portanto, um dos princípios para a criação de formas de avaliação de resiliência é relativizar as formas de investigação, mesclando entrevistas e testes/inventários (Luthar, Cicchetti, & Becker, 2000). Buscando instrumentos que possuam características que auxiliem no entendimento deste indivíduo, no que se refere à questão da resiliência.

Os testes psicológicos, também conhecidos como escalas ou inventários, são instrumentos de auxílio no trabalho dos psicólogos, podendo ser usado apenas por estes. De acordo com o Conselho Federal de Psicologia (CFP), em sua resolução 02/20003:

São procedimentos sistemáticos de observação e registro de amostras de comportamentos e respostas de indivíduos com o objetivo de descrever e/ou mensurar características e processos psicológicos, compreendidos tradicionalmente nas áreas emoção/afeto, cognição/inteligência, motivação, personalidade, psicomotricidade, atenção, memória, percepção, dentre outras, nas suas mais diversas formas de expressão, segundo padrões definidos pela construção dos instrumentos (CFP, resolução 002/2003, p.2).

Muitas vezes, os profissionais da Psicologia têm dificuldades em encontrar uma maneira de compreender o funcionamento dos indivíduos, principalmente no que diz respeito ao modo e a intensidade como os fatores de risco ou proteção (com todas as suas particularidades) os afetam, e de que forma a resiliência está presente diante das dificuldades da vida. Alguns estudos demonstram o uso de testes alternativos, para identificar características relacionadas a estes conceitos (Cecconello e Koller, 2000; Luthar, 1991).

Analisando as características de cada instrumento, cujas fontes de informação constam no Anexo A do estudo, é possível verificar os que permitem identificar fatores de proteção e de risco, cujas características foram mencionadas anteriormente. Os testes elencados são apresentados abaixo, com algumas informações básicas, e organizados de acordo com a área de investigação, e quando possível, as características dos fatores de risco e proteção, em suas subdivisões, foram identificados:

4.1 Fatores de Risco

4.1.1 Personalidade

- a) Esc. Fatorial Ajustamento Emocional/Neuroticismo-EFN - Autores: Cláudio S. Hutz & Carlos Henrique S. S. Nunes - Casa do Psicólogo.

Características pessoais (vulnerabilidade, ansiedade e depressão) e ambientais (desajustamento psicossocial)¹;

- b) Escala de Vulnerabilidade ao Estresse no Trabalho – EVENT - Autor: Fermino Fernandes Sisto, Makilin Nunes Baptista, Ana Paula Porto Noronha e Acácia Aparecida Angeli dos Santos - Vetor.

Características pessoais (circunstâncias do cotidiano do trabalho influenciam a conduta da pessoa [ser influenciável] a ponto de caracterizar fragilidade) e

ambientais (fatores clima e funcionamento organizacional, pressão no trabalho, e infra-estrutura e rotina)¹;

- c) Escala de Autenticidade, Agressividade e Inibição - EdAAI - Autores: Luiz Pasquali, Cristiane Faiad de Moura, Liziane Castilhos de Oliveira Freitas - LabPam. Características pessoais (autenticidade, agressividade e inibição)⁶.

4.1.2 Psicopatologias:

- a) Escalas Beck - Autores: Aaron T. Beck e colegas, do Center for Cognitive - Casa do Psicólogo.

Características pessoais (depressão, ansiedade, pessimismo, indícios sugestivos de risco de suicídio em sujeitos deprimidos ou que tenham história de tentativa de suicídio e detecta a presença de ideação suicida, medindo a extensão da motivação e planejamento de um comportamento suicida)^{1,2};

- b) Escala de Stress para Adolescentes - ESA - Autor: Lipp, Marilda Emmanuel Novaes - Casa do Psicólogo.

Características pessoais na faixa etária de 14 a 18 anos (estresse psicológico, cognitivo, fisiológico) e ambientais (estresse interpessoal), através dos domínios alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão, possibilitando verificar qual domínio está gerando maior stress e o grau do mesmo¹;

- c) Inventário de Sintomas de Stress para Adultos de Lipp - ISSL - Autora: Marilda Emmanuel Novaes Lipp - Casa do Psicólogo.

Características pessoais (estresse). Avalia através dos domínios alerta, resistência, quase-exaustão e exaustão verificando a fase em que a pessoa se encontra e aponta a área de maior vulnerabilidade na pessoa^{1,2};

- d) Escala de Stress Infantil - ESI - Autora: Marilda E. Novaes Lipp - Casa do Psicólogo.

Características pessoais (estresse). Possui quatro fatores: reações físicas, reações psicológicas, reações psicológicas com componente depressivo e reações psicofisiológicas^{1,2};

- e) Escala Baptista de Depressão (Adulta) - EBADEP - Autor: Makilim Baptista.

Características pessoais (humor deprimido, choro, sentimento de incapacidade de inadequação, carência/dependência, autocrítica exacerbada, desesperança,

irritabilidade e fadiga/perda de energia, alterações de sono) e ambientais (esquiva de situações sociais)⁵;

- f) Inventário de Expressão de Raiva como Estado e Traço - STAXI - Tradução: Ângela M. B. Biaggio - Vetor.

Características pessoais (componentes de raiva e influencias dos componentes no desenvolvimento de condições médicas, incluindo hipertensão, doenças coronárias e câncer)²;

- g) Escala de Transtorno do Déficit de Atenção/Hiperatividade - TDAH - Autor: Edyleine Bellini Peroni Benczik - Casa do Psicólogo.

Características pessoais (desatenção, hiperatividade) ambientais (comportamento anti-social)².

4.2 Fatores de proteção

4.2.1 Personalidade

- a) Bateria Fatorial de Personalidade (BFP) - Autor: Cláudio Simon Hutz, Carlos Henrique Sancineto Nunes - Casa do Psicólogo.

Características pessoais familiares e ambientais (avalia extroversão, socialização, perseverança, crenças, emoção, positividade, adaptação, confiança no outro, curiosidade, imaginação, criatividade)^{1,4};

- b) Escalas de Personalidade de Comrey - CPS - Autor: Andrew L. Comrey - Vetor.

Características pessoais familiares e ambientais (avalia empatia/egocentrismo, ordem/falta de compulsão, conformidade atividade/passividade, confiança/atitude defensiva, social/rebeldia, extroversão/introversão, estabilidade/instabilidade emocional)²;

- c) Inventário Fatorial de Personalidade - IFP - Autor: Luiz Pasquali, Maria Mazzarello Azevedo, Ivânia Ghesti e Instituto de Psicologia, UnB - Casa do Psicólogo.

Características pessoais familiares e ambientais (avalia assistência, ordem, desempenho, necessidade de exibição, adaptação a mudança, persistência, agressão, autonomia, entre outros)¹;

- d) Teste de Zulliger - Autor: Cícero Emidio Vaz - Casa do Psicólogo.

Características pessoais familiares e ambientais (avalia curiosidade, imaginação, criatividade, emoção, fantasias, positividade e alguns outros traços)¹;

- e) Escala Fatorial de Extroversão - EFEx - Autor: Carlos Henrique S. S. Nunes e Cláudio Simon Hutz - Casa do Psicólogo.
Características pessoais, familiares e ambientais (avalia a personalidade sob quatro aspectos: comunicação, ativez, assertividade e interações sociais)^{1,2};
- f) Escala de Traços de Personalidade para Crianças – ETPC - Autor: Sisto, Fermino Fernandes - Vetor.
Características pessoais (personalidade)².
- g) Inventário dos Cinco Fatores de Personalidade Revisado - ICFP-R - Autores: Bartholomeu Tôrres Tróccoli, Tatiana Severino de Vasconcelos e Luiz Pasquali - LabPam.
Características pessoais (Instabilidade Emocional, Abertura, Conscienciosidade, Agradabilidade e Extroversão)⁶.
- h) Teste Palográfico na Avaliação da Personalidade - Manual: Irai Cristina Boccato Alves e Cristiano Esteves - Vetor.
Características pessoais (fornece dados de ritmo e qualidade de trabalho, fadigabilidade, inibição, elação, depressão, temperamento, constituição tipológica)².
- i) The House-Tree-Person - HTP - Autor: John N. Buck - Tradução: Renato Cury Tardivo - Vetor.
Características pessoais (avalia como a pessoa experiência sua individualidade em relação aos outros e ao ambiente do lar)².
- j) Rorschach- Adaptação Brasileira: Autor: Cícero E. Vaz - Casa do Psicólogo.
Características pessoais (estrutura básica da personalidade, aspectos cognitivos e afetivos, funções psíquicas de percepção, atenção, julgamento crítico, simbolização e linguagem)¹.
- k) Questionário de Avaliação Tipológica - versão II - QUATI- Autor: Zacharias, José Jorge de Moraes - Vetor.
Características pessoais (avaliar a personalidade através das escolhas situacionais que cada indivíduo faz)².

4.2.2 Relações familiares

- a) Inventário de Estilos Parentais - IEP - Autor: Paula Inez Cunha Gomide - Vozes.
Características pessoais familiares e ambientais (influência das práticas utilizadas pelos pais na educação dos filhos e a influência delas no desenvolvimento de

comportamentos anti-sociais, como o abuso de substâncias, atos homicidas, infratores, etc.)⁷;

- b) Inventário de Percepção de Suporte Familiar - IPSF - Laboratório de Avaliação Psicológica em Saúde Mental da Universidade de São Francisco (UFS) Itatiba/São Paulo - LAPSAM III.

Características pessoais e familiares (percepção das relações familiares em termos de afetividade, autonomia e adaptação entre os membros e seus resultados na autoestima, no desenvolvimento do ego, na habilidade de formar relacionamentos e no bem estar psicológico de crianças e adolescentes, incluindo tais características nas fases futuras da vida)^{1, 8};

- c) Entrevista Familiar Estruturada - EFE PUC-RJ - Autora: Terezinha Férez-Carneiro - Casa do Psicólogo.

Características familiares (interação familiar considerada facilitadora do crescimento emocional sadio dos membros da família, de uma interação familiar considerada dificultadora de tal crescimento, e características dessa interação como comunicação, papéis, liderança, manifestação de agressividade, afeição física, integração conjugal, individualização, integração, auto-estima e promoção de saúde emocional) visando à construção de um diagnóstico interacional da família^{1, 2};

4.2.3 Fatores ambientais e sociais

- a) Escala de Autoconceito Infanto-Juvenil EAC-IJ - Autor: Fermino Fernandes Sisto, Selma de Cássia Martinelli - Vetor.

Características pessoais (capacidades, realizações, experiências e representações em diferentes contextos sociais) e ambientais (qualidade das relações e interação entre a pessoa e o seu meio ambiente, durante seu processo de construção social e ciclo de vida)²;

- b) Inventário de Habilidades Sociais - IHS - Autor: Zilda A. P. Del-Prette e Almir Del-Prette- Casa do Psicólogo.

Características pessoais (enfretamento e auto-afirmação com risco, auto-afirmação na expressão de afeto positivo, conversação e desenvoltura social, auto-exposição a desconhecidos ou a situações novas e autocontrole da agressividade em situações aversivas) e ambientais (desempenho social em diferentes situações - trabalho, escola, família, cotidiano)^{1, 2};

- c) Inv. Habilidades Sociais para Adolescentes - IHSA-Del-Prette - Autor: Almir Del-Prette & Zilda A. P. Del-Prette- Casa do Psicólogo.
Características pessoais (empatia, autocontrole, civilidade, assertividade, abordagem afetiva e desenvoltura social) e ambientais (habilidades sociais de adolescentes em contextos públicos [escola, trabalho, lazer, consumo], privados [familiar e íntimo])^{1, 2};
- d) Escala Feminina e Masculina de Autocontrole - EFAC & EMAC - Autor: Martinelli, Selma de Cássia Martinelli e Fermino Fernandes Sisto - Vetor.
Características pessoais (auto-percepção de crianças e adolescentes em relação a sentimentos e emoções) e ambientais (percepção de si mesmos em relação a regras e condutas sociais)²;
- e) Escala Fatorial de Socialização - EFS - Autor: Carlos Henrique S. S. Nunes e Cláudio Simon Hutz - Casa do Psicólogo.
Características pessoais (amabilidade, pós-sociabilidade e confiança nas pessoas, relacionada ao fator socialização da personalidade, associada à qualidade das relações interpessoais típicas)².

Foi feita uma divisão dos testes em termos de fatores de risco e proteção, e estes foram subdivididos, a partir, de suas características do capítulo 1.2, em suas áreas de investigação. No entanto, mesmo os construtos considerados de proteção possuem características que podem indicar dificuldades diante de algumas situações de vida, exemplificadas na avaliação. Interessante também observar que foram encontrados poucos instrumentos que medissem características familiares dentro destes dois fatores. A boa interpretação dos testes depende do aprofundados estudos dos mesmos e bom conhecimento das teorias psicológicas.

CONCLUSÃO

Inicialmente, o conceito de resiliência foi apresentado desde seu uso fundamentado nas Ciências Exatas, até as definições atuais e sua relação com o termo vulnerabilidade. A diferenciação das teorias, que definem resiliência como traço de personalidade ou processo de vida, também foi apresentada. Posteriormente, foi possível elencar diversos fatores que são considerados como de risco ou proteção, sempre considerando as características de cada sujeito, sua história de vida e o impacto dos eventos estressantes sobre ele, pois, de acordo com Pereira (2001), o futuro do profissional de Psicologia terá como desafio tornar as pessoas mais resilientes a partir da identificação desses fatores em cada indivíduo. O equilíbrio emocional, a capacidade de se acomodar e reequilibrar constantemente serão cada vez mais necessários para o enfrentamento do dia-a-dia (Tavares, 2001).

A partir dessas características, os instrumentos para a avaliação psicológica do construto resiliência, foram criados. No Brasil, estes instrumentos específicos validados são utilizados apenas para uso em pesquisas. Dessa forma foi necessário buscar informações sobre outras formas de avaliar a resiliência, ainda que apenas através de sua relação com o processo de resiliência, validados para uso profissional, pelo CRP. O trabalho do psicólogo através da promoção e prevenção da saúde mental e emocional (Grotberg, 1995), é fundamental.

As problemáticas, violentas e estressantes, na maioria das vezes não são previsíveis. O empoderamento emocional do indivíduo se dá através do autoconhecimento e do fortalecimento de suas habilidades protetivas. Para tanto, mais pesquisas são necessárias, não apenas para uma melhor compreensão do conceito de resiliência, como, também, para instrumentalizar os profissionais da área Social e da Saúde. Esse processo pode ocorrer através de um maior conhecimento dos instrumentos acessíveis aos profissionais da Psicologia, como também, através da construção de testes específicos para a mensuração do conceito resiliência, suas características e implicações.

A resiliência é consequência de um processo que envolve inúmeras características consideradas de risco ou proteção de acordo com a história individual. O trabalho do psicólogo inicia no entendimento da demanda que traz cada indivíduo ao seu encontro e na investigação da história de vida de cada pessoa e suas

particularidades. Então já podemos, identificar alguns testes possíveis de serem utilizados como ferramentas de apoio profissional.

O objetivo deste trabalho não foi analisar todos os testes liberados para uso profissional pelo CFP, e sim, aqueles em que pude verificar alguma relação com a resiliência e suas características. Além disso, tomei a liberdade de definir alguns pontos para a escolha dos testes deste estudo. A intensificação de pesquisas não apenas no entendimento do conceito de resiliência, mas também em formas de identificá-la e mensurá-la são de extrema importância para a qualificação do trabalho realizado pelos psicólogos.

REFERÊNCIAS

- Alvarez, A .M.S., Moraes, M.C.L. & Rabinovich, E.P.(1998). Resiliência: um estudo com brasileiros institucionalizados. *Revista Brasileira de Desenvolvimento Humano* 8 (1/2), pp. 70-75.
- Antoni, C. & Koller, S.(2000). Vulnerabilidade e resiliência familiar: um estudo com adolescentes que sofreram maus tratos intrafamiliares. *PSICO (PUC)*, 31 (1), pp.39-66.
- Bastos, A. C. de S., Alcântara, M. A. R. de, & Ferreira-Santos, J. E.(2002). Novas famílias urbanas. Em E. da R. Lordelo, A. M. Carvalho, & S. H. Koller (Orgs.), *Infância brasileira e contextos de desenvolvimento*. pp. 99-135. São Paulo/Salvador: Casa do Psicólogo/Universidade Federal da Bahia.
- Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21(49). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000200014&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 30/11/2011).
- Brofenbrenner, U. (1996). *A ecologia do desenvolvimento humano: experimentos naturais e planejados*. Rio Grande do Sul: Artes médicas.
- Brooks, R.(1994). Children at risk: fostering resilience and hope. Em: Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N. & Oliveira, R.V. C.(2005). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200006&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 22/10/2011).
- Campbell-Sills, L., & Stein, M. B. (2007). Psychometric Analysis and Refinement of the Connor–Davidson Resilience Scale (CD-RISC): Validation of a 10-Item Measure of Resilience. Em: Lopes, V. R. & Martins, M. C. F. (2011). Validação Fatorial da Escala de Resiliência de Connor-Davidson (Cd-Risc-10) para Brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 11 (2). Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/22783/20750>> (Acessado em 19/11/2011).
- Cecconello, A. M. (2003). *Resiliência e vulnerabilidade em famílias em situação de risco*. Em:Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000300009&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 02/10/2011).

- Cecconello, A. M. & Koller, S. H. (2000). Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudos de Psicologia (Natal)*, 5 (1). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2000000100005&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/10/2011).
- Cyrulnik, B. (1998). *Ces enfants qui tiennent le coup*. Revigny-sur-Omain: Hommes et Perspectives. Em: Laranjeira, Carlos António Sampaio de Jesus. (2007). Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000300012&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 28/10/2011).
- Eisenstein, E. & Souza, R. P. de (1993) Situações de risco à saúde de crianças e adolescentes. Em: Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000200007&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/10/2011).
- Flach, F. (1991). Resiliência: a arte de ser flexível. Pinheiro, D. P. N. A resiliência em discussão. (2004). *Psicologia em Estudo*, 9 (1). Maringá. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100009&lang=pt> (Acessado em 30/09/2011).
- Fonagy, P. (1994). The theory and practice of resilience. Em: Laranjeira, Carlos António Sampaio de Jesus. (2007). Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000300012&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 28/10/2011).
- Fonagy, P. (2001). Développement de la psychopathologie de l'enfance à l'âge adulte. Em: Laranjeira, Carlos António Sampaio de Jesus. (2007). Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000300012&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 28/11/2011).
- Garnezy N. (1993). Children in poverty: resilience despite risk. Em: Noronha, M. G. R. C. S., Cardoso, P. S., Moraes, T. N. P. & Centa, M. L. (2009). Resiliência: nova perspectiva na promoção da saúde da família? *Ciência & Saúde Coletiva*, 14 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-81232009000200018&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 23/10/2011).

- Garnezy, N. (1996). Reflections and commentary on risk, resilience and development. Em: Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N. & Oliveira, R.V. C. (2005). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200006&lng=en&tlng=PT> (Acessado em 22/10/2011).
- Garnezy, N. & Masten, A. (1994). Chronic Adversities. Em: Cecconello, Alessandra Marques; Koller, Sílvia Helena.(2000) Competência social e empatia: um estudo sobre resiliência com crianças em situação de pobreza. *Estudo de Psicologia (Natal)*, 5 (1). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2000000100005&lng=pt&nrm=iso&tlng=PT> (Acessado em 22/10/2011).
- Greenfield E. & Marks N. (2004). Formal volunteering as a protective factor for older adults' psychological well-being. Em: Laranjeira, Carlos António Sampaio de Jesus. (2007). Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000300012&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 28/10/2011).
- Grotberg, E. (1995) A guide to promoting resilience in children: strengthening the human spirit. Em: Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8 (spe). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300010&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/11/2011).
- Grünspun, H. (2003). Conceitos sobre resiliência. Em: Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000200007&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/10/2011).
- Haggerty, R. J., Sherrod, L. R., Gamezy, N. & Rutter, M. (2000). *Stress, risk and resilience in children and adolescents: process, mechanisms and interventions*. Em: Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10 (2), 209-216. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000200007&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 01/03/2012).
- Hutz, C. S., Koller, S. H., & Bandeira, D. R. (1996). Resiliência e vulnerabilidade em crianças em situação de risco. Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21 (49). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000200014&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 30/11/2011).

- Inui, T. (2003). The need for an integrated biopsychosocial approach to research on successful aging. Em: Laranjeira, Carlos Antônio Sampaio de Jesus. (2007). Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000300012&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 28/10/2011).
- Junqueira, M. F. P. S., & Deslandes, S. F. (2003). Resiliência e maus-tratos à criança. *Cadernos de Saúde Pública*, 19 (1). Disponível em: <http://www.scielo.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2003000100025&lng=pt&nrm=isso> (Acessado em 22/10/2011).
- Koller, S. H., & De Antoni, C. (2004). Violência familiar: uma visão ecológica. Em S. H. Koller (Ed.), *Ecologia do desenvolvimento humano: pesquisa e intervenção no Brasil* pp.293-310. São Paulo: Casa do Psicólogo.
- Lopes, V. R. & Martins, M. C. F. (2011). Validação Fatorial da Escala de Resiliência de Connor-Davidson (Cd-Risc-10) para Brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 11 (2). Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/22783/20750>> (Acessado em 19/11/2011).
- Luthar, S. S. (1991). Vulnerability and resilience: A study of high-risk adolescents. Em: Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N. & Oliveira, R.V. C. (2005). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200006&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 22/10/2011).
- Luthar, S. S.; Cicchetti, D. & Becker, B. (2000). The construct of resilience: a critical evaluation and guidelines for future work. Em: Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8 (spe). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300010&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/11/2011).
- Luthar, S. S. & Cushing, G. (1999). Measurement issues in the empirical study of resilience: An overview. Em: Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N. & Oliveira, R.V. C. (2005). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200006&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 22/10/2011).
- Luthar, S. S. & Zigler, E. (1991). Vulnerability and competence: A review of research on resilience in childhood. Em: Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N. & Oliveira, R.V. C. (2005). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psic.: Teoria e Pesquisa*, 20 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200006&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 22/10/2011).

- Martineau, S. (1999). Rewriting resilience: a critical discourse analysis of childhood resilience and the politics of teaching resilience to "kids at risk". Em: Yunes, M. A. M. (2003). *Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. Psicologia em Estudo*, 8 (spe). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300010&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/11/2011).
- Masten, A. S. (1999). Commentary: The promise and perils of resilience research as a guide to preventive interventions. Em: Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N. & Oliveira, R.V. C. (2005). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200006&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 22/10/2011).
- Masten, A. S. (2001). Ordinary magic: resilience processes in development. Em: Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000300009&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 02/10/2011).
- Masten, A. S., & Coastworth, J. D. (1995) Competence, resilience and psychopathology. Em: Sapienza, G., & Pedromônico, M. R. M. (2005). Risco, proteção e resiliência no desenvolvimento da criança e do adolescente. *Psicologia em Estudo*, 10 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722005000200007&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/10/2011).
- Masten, A. S. & Garmezy, N. (1985). Risk, vulnerability and protective factors in developmental psychopathology. Em Pinheiro, D. P. N. A resiliência em discussão. (2004). *Psicologia em Estudo*. 9 (1). Maringá. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100009&lang=pt> (Acessado em 30/09/2011).
- Munist, M., Santos, H., Kotliarenco, M. A., Ojeda, E. N., Infante, F. & Grotberg, E. (1998). Manual de identificación y promoción de la resiliencia. Em: Pesce, R. P., Assis, S. G., Santos, N. & Oliveira, R.V. C. (2005). Risco e proteção: em busca de um equilíbrio promotor de resiliência. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 20 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722004000200006&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 22/10/2011).
- Paula Couto, M. C. P., Poletto, M., Paludo, S., & Koller, S. H. (2006). Resiliência e psicologia positiva. Em: Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000300009&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 02/10/2011).

- Pereira, A. M. S. (2001). Resiliência, personalidade, stress e estratégias de coping. Em Pinheiro, D. P. N. A resiliência em discussão. (2004). *Psicologia em Estudo*, 9 (1). Maringá. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100009&lang=pt> (Acessado em 30/09/2011).
- Pesce, Renata P., Assis, Simone G., Avanci, Joviana Q., Santos, Nilton C., Malaquias, Juaci V., & Carvalhaes, Raquel. (2005). Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cadernos de Saúde Pública*, 21 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000200010&lng=pt&tlng=PT> (Acessado em 19/11/2011).
- Pinheiro, D. P. N. A resiliência em discussão. (2004). *Psicologia em Estudo*.9 (1). Maringá. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100009&lang=pt> (Acessado em 30/09/2011).
- Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000300009&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 02/10/2011).
- Ralha-Simões, H. (2001). Resiliência e desenvolvimento pessoal. Em Pinheiro, D. P. N. A resiliência em discussão. (2004). *Psicologia em Estudo*. 9 (1). Maringá. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100009&lang=pt> (Acessado em 30/09/2011).
- Resolução CFP 02/20003, de 24 de março de 2003. Define e regulamenta o uso, a elaboração e a comercialização de testes psicológicos e revoga a Resolução CFP nº 025/2001. Disponível em: <http://www.pol.org.br/pol/export/sites/default/pol/legislacao/legislacaoDocumentos/resolucao2003_02.pdf> (Acessado em 02/03/2012).
- Rutter, M. (1987). Psychosocial resilience and protective mechanisms. Em: Lopes, V. R. & Martins, M. C. F. (2011). Validação Fatorial da Escala de Resiliência de Connor-Davidson (Cd-Risc-10) para Brasileiros. *Revista Psicologia: Organizações e Trabalho*, 11 (2). Disponível em: <<http://www.periodicos.ufsc.br/index.php/rpot/article/view/22783/20750>> (Acessado em 19/11/2011).
- Rutter, M. (1993). Resilience: some conceptual considerations. Em Pinheiro, D. P. N. A resiliência em discussão. (2004). *Psicologia em Estudo*, 9 (1). Maringá. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100009&lang=pt> (Acessado em 30/09/2011).

- Rutter, M. (1999). Resilience concept and findings: implications for family therapy. Em: Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8 (spe). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300010&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/11/2011).
- Seligman, M. E. P., & Csikszentmihalyi, N. A. (2000). Positive psychology: an introduction. Em: Poletto, M., & Koller, S. H. (2008). Contextos ecológicos: promotores de resiliência, fatores de risco e de proteção. *Estudos de Psicologia (Campinas)*, 25 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-166X2008000300009&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 02/10/2011).
- Silva Jr., J. F. (1972) *Resistência dos Materiais*. Em: Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8 (spe). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300010&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/11/2011).
- Tavares, J. (2001). A resiliência na sociedade emergente. Em: Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8 (spe). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300010&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/11/2011).
- Timoshebo, S. P. (1983) *History Of Strength Of Materials*. Em: Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8 (spe). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300010&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/11/2011).
- Trombeta, L. H. & Guzzo, R. S. L. (2002). Enfrentando o cotidiano adverso: estudo sobre resiliência em adolescentes. Em Pinheiro, D. P. N. A resiliência em discussão. (2004). *Psicologia em Estudo*. 9 (1). Maringá. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100009&lang=pt> (Acessado em 30/09/2011).
- Wagnild GM, Young HM. (1993). Development and psychometric evaluation of resilience scale. Em: Pesce, Renata P., Assis, Simone G., Avanci, Joviana Q., Santos, Nilton C., Malaquias, Juaci V., & Carvalhaes, Raquel. (2005). Adaptação transcultural, confiabilidade e validade da escala de resiliência. *Cadernos de Saúde Pública*, 21 (2). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-311X2005000200010&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 19/11/2011).

- Whitbourne, S. (2001). Adult development and aging: Biopsychosocial perspectives. Em: Laranjeira, Carlos António Sampaio de Jesus. (2007). Do vulnerável ser ao resiliente envelhecer: revisão de literatura. *Psicologia: Teoria e Pesquisa*, 23 (3). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0102-37722007000300012&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 28/10/2011).
- Yunes, M. A. M. (2001). A Questão Triplamente Controvertida Da Resiliência Em Famílias De Baixa Renda. Brandão, J. M., Mahfoud, M., & Gianordoli-Nascimento, I. F. (2011). A construção do conceito de resiliência em psicologia: discutindo as origens. *Paidéia (Ribeirão Preto)*, 21 (49). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-863X2011000200014&lng=en&tlng=pt> (Acessado em 30/11/2011).
- Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8 (spe). Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300010&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/10/2011).
- Yunes, M. A. M. & Szymanski, H. (2001). Resiliência: noção, conceitos afins e considerações críticas. Em Pinheiro, D. P. N. A resiliência em discussão. (2004). *Psicologia em Estudo*. 9 (1). Maringá. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722004000100009&lang=pt> (Acessado em 30/09/2011).
- Yunes, M. A. M., & Szymanski, H. (2005). Entrevista Reflexiva E Grounded-Theory: Estratégias Metodológicas Para Compreensão Da Resiliência. Em: Família. *Revista Interamericana De Psicologia*, 39 (3). Disponível em: <<http://www.psicorip.org/resumos/perp/rip/rip036a0/rip03950.pdf>> (Acessado em 15/10/2011).
- Zimmerman, M. A. & Arunkumar, R. (1994). Resiliency research: implications for schools and policy. Em: Yunes, M. A. M. (2003). Psicologia positiva e resiliência: o foco no indivíduo e na família. *Psicologia em Estudo*, 8. (spe.) Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-73722003000300010&lng=pt&tlng=pt> (Acessado em 22/11/2011).

ANEXO A

Fontes eletrônicas das informações sobre os testes listados nesse estudo:

¹ DIPSÍ - DIPSÍ – Gestão e Recursos em Psicologia: atende necessidades dos profissionais da área de Psicologia do estado de Santa Catarina. Para isto, a DIPSÍ tem como uma de suas principais funções, a distribuição de instrumentos psicológicos das editoras Casa do Psicólogo, Vetor Editora, CETEPP e EDITES.

Rua General Osório 569, Sala 04 Fundos - Velha - Blumenau – SC

Tel:(47) 3335-0911 - Email contato@dipsi.com.br

Disponível em:

<http://www.dipsi.com.br/index.php?option=com_virtuemart&page=shop.browse&category_id=92&Itemid=37>

(Acessado em 18/02/2012).

² UNITALENTOS - empresa de Consultoria em Recursos Humanos e prestação de serviços nas diversas área da psicologia, através da vendas de testes psicológicos nas áreas: clínica, organizacional, educacional, vocacional, jurídica e afins.É líder na distribuição de testes psicológicos e psico-pedagógicos no Rio Grande do Norte, desde agosto de 2006, quando iniciou como representante da VETOR Editora Psico-pedagógica Ltda., em março de 2008 com a Editora Casa do Psicólogo e atualmente com CETEPP – Centro Editor de Testes e Pesquisas em Psicologia Ltda. , e EDITES- Edites Distribuidora de Testes Ltda., todas editoras de testes livros e materiais de psicologia, psiquiatria e psico-pedagogia. Nestes anos, desenvolveu soluções estratégicas em Recursos Humanos para melhor assessorar os clientes, colaboradores e estudantes, norteando a prestação de serviços em Recursos Humanos nos princípios da ética Profissional e Responsabilidade Social.

Rua Odilon Gomes de Lima - Quadra 11, C.8A, Capim Macio - Natal/RN

Tel: (84) 3207-2813 / 8722-6882 / 8722-0212 47 - Email: unitalentos@uol.com.br

Disponível em:

<http://unitalentosrh.com.br/news/index.php?option=com_mtree&Itemid=60>

(Acessado em 18/02/2012).

³ VETOR – Oferece produtos e serviços de alta qualidade e desenvolver capacitação e parcerias com os clientes, o corpo docente das universidades e faculdades, além da comunidade científica de Psicologia e Pedagogia, de âmbito nacional e internacional é a missão da Vetor.

É pioneira em prestigiar o autor de testes brasileiros. Mantém um constante relacionamento com professores das faculdades e universidades de vários estados brasileiros e promove in loco demonstrações de seus produtos, apóia congressos, seminários e eventos afins.

Líder no segmento de testes psicológicos com ampla variedade de instrumentos de avaliação. Mais de 200 títulos em livros que abrangem diversos temas afins à psicologia, psicopedagogia e pedagogia.

Rua: Cubatão, nº48 - Paraíso - CEP 04013-000 - São Paulo - SP

Tel.: (11) 3146-0333 Fax (11) 3146-0340 – e-mail: lojavirtual@vetoreditora.com.br

Disponível em: <http://www.vetoreditora.com.br/produtos_indice.asp?secao=1>

(Acessado em 18/02/2012).

⁴ LIVPSIC - Livraria de Psicologia e Ciências Sociais, Ciências da Educação Antropologia. Mantendo o seu catálogo online, permite encomendas via e-mail de obras Nacionais e Estrangeiras e está equipada para prestar serviços de informação personalizados recorrendo a potentes bases de dados bibliográficas.

Livraria Faculdade de Psicologia e de Ciências da Educação da U. Porto

R. Dr. Manuel Pereira da Silva, 4200/392 – Porto – Portugal.

Tel.: 967033743 – 220156971 – e-mail: geral@livpsic.com

Disponível em: <<http://www.livpsic.com/v4/testes01.php>>

(Acessado em 18/02/2012).

⁵ SCIELO - A Scientific Electronic Library Online - SciELO é uma biblioteca eletrônica que abrange uma coleção selecionada de periódicos científicos brasileiros. A SciELO é o resultado de um projeto de pesquisa da [FAPESP](#) - Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, em parceria com a [BIREME](#) - Centro Latino-Americano e do Caribe de Informação em Ciências da Saúde. A partir de 2002, o Projeto conta com o apoio do [CNPq](#) - Conselho Nacional de Desenvolvimento Científico e Tecnológico. O site da SciELO é parte do Projeto FAPESP/BIREME/CNPq e um dos produtos da

aplicação da metodologia para preparação de publicações eletrônicas em desenvolvimento, especialmente o módulo de interface Internet.

Rua Machado Bittencourt, 430 - Vila Clementino 04044-001 São Paulo SP – Brasil

Tel.: (11) 5083-3639/59 – e-mail: scielo@scielo.org

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712011000200004&script=sci_arttext>

(Acessado em 18/02/2012).

⁶ LABPAM - Em novembro de 1987, foi enviado um projeto de financiamento à FINEP para a instalação de um laboratório de pesquisa em psicometria no Departamento de Psicologia Social do Instituto de Psicologia da Universidade de Brasília. A implementação do Laboratório de Pesquisa em Avaliação e Medida (LabPam) resultou numa série de importantes desenvolvimentos na área da avaliação no Brasil, os quais podem ser sumariados como segue:

- Criação de testes e inventários
- Elaboração de livros técnicos
- Formação de pesquisadores em avaliação
- Elaboração de projetos integrados
- Assessoria técnica aos órgãos de segurança do Brasil
- Cursos de aperfeiçoamento em instrumentação e avaliação psicológica
- Intercâmbios com instituições de pesquisa e universidades

Telefone:

Tel.: (61) 3340-1692. - e-mail: contato@labpam.com.br

Disponível em: <http://www.labpam.com.br/produtos_testespsi.htm>

(Acessado em 18/02/2012).

⁷ SCIELO – idem acima

Disponível em:

<http://www.scielo.br/scielo.php?pid=S1413-82712007000100015&script=sci_arttext>

(Acessado em 18/02/2012).

⁸ MAGOPSI - Atuante desde 1982 no mercado de Recursos Humanos, assessorando empresas, profissionais e estudantes de psicologia, vem desenvolvendo diversos produtos/serviços objetivando dar suporte aos seus clientes no diagnóstico e busca de soluções estratégicas para a gestão do capital humano. Av. Pres. Vargas, 509 / 13º andar - Rio de Janeiro - RJ - 20071-003

Tel.: (021) 2507-3535 - e-mail: mago@magopsi.com.br

Disponível em:

http://www.magopsi.com.br/novo/MGMaster.asp?tabela=Testes&Grupo=C,%20E&codigo=IPSF&funcao=Detalhes&titulo=%20-%20Detalhes&SUB_0=&SUB_1=

(Acessado em 18/02/2012).